

A temática gênero na licenciatura em Educação Física: discussões acerca da formação inicial


RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar as percepções/compreensões acerca da temática gênero no processo de formação de estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará (IFCE). A pesquisa, com abordagem qualitativa, do tipo levantamento e de nível exploratório, compreendeu, como técnica, um questionário semiestruturado. Participaram da pesquisa 30 discentes de duas matrizes curriculares distintas do citado curso. Constatou-se que a temática do gênero se apresenta de três diferentes formas: como uma antinomia entre cultural e biológico; como uma associação entre diversidade e individualidade e, por fim, por meio de uma associação com a formação, adjetivação e outros. Concluímos que o gênero não se apresenta de forma estruturada e planejada nas percepções dos/das discentes, podendo-se inferir que há necessidade de ampliação de discussão sobre a temática e sua devida inserção nos conteúdos disciplinares e transversais do referido curso.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Licenciatura; Formação; Educação física


Marcelo Alencar Leite

Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará, Campus Acopiara
marcelo.alencar@ifce.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8632-7052>


Normandia de Farias Mesquita Medeiros

Doutora em Educação
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Faculdade de Educação
fariasnorma@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7897-9592>

Thiago Camargo Iwamoto

Doutor em Educação Física
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola
de Formação de Professores e Humanidades
thiagoiwamoto@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1509-6047>

Fabiano Pries Devide

Doutor em Educação Física e Cultura
Universidade Federal Fluminense, Curso de
Licenciatura em Educação Física
fabianodevide@id.uff.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5878-9786>

Dulce Maria Filgueira de Almeida

Doutora em Sociologia
Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física
dulce.filgueira@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2352-5478>

The gender theme in the degree in Physical Education: discussions about initial training

ABSTRACT

The article aims to analyze the perceptions/understandings about the gender theme in the process of training students in the Physical Education Degree course at the Federal Institute of Ceará (IFCE). The research, with a qualitative approach, of the survey type and exploratory level, comprised a semi-structured questionnaire as a technique. Thirty students from two different curricular matrices of the course participated in the research. It was found that the theme of gender is presented in three different ways: as an antinomy between cultural and biological; as an association between diversity and individuality and, finally, through an association with training, adjectives and others. We conclude that gender is not presented in a structured and planned way in the perceptions of students and it can be inferred that there is a need to expand the discussion on the subject and its proper insertion in the disciplinary and transversal contents of the referred course.

KEYWORDS: Gender; Graduation; Formation; Physical education

La temática de género en la Licenciatura en Educación Física: discusiones sobre la formación inicial

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar las percepciones/entendimientos sobre el tema de género en el proceso de formación de los estudiantes de la carrera de Licenciatura en Educación Física del Instituto Federal de Ceará (IFCE). La investigación, con enfoque cualitativo, tipo encuesta y nivel exploratorio, comprendió como técnica un cuestionario semiestructurado. En la investigación participaron treinta estudiantes de dos matrices curriculares diferentes del mencionado curso. Se encontró que el tema del género se presenta de tres formas distintas: como antinomia entre cultural y biológico; como asociación entre diversidad e individualidad y, finalmente, mediante asociación con formación, adjetivos y otros. Concluimos que el género no se presenta de manera estructurada y planificada en las percepciones de los estudiantes y se puede inferir que existe la necesidad de ampliar la discusión sobre el tema y su adecuada inserción en los contenidos disciplinares y transversales del referido curso.

PALABRAS-CLAVE: Género; Graduación; Formación; Educación física

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a história das sociedades humanas observamos que as desigualdades de gênero perpassam marcos temporais e espaciais. No que tange aos corpos, estudos demonstram que, nas sociedades ocidentais modernas, a visão patriarcal e cisheteronormativa prevalece e se assenta no estabelecimento de estereótipos circunscritos numa dominação masculina (CONNELL, 1995; BUTLER, 2015; 2017; CONNELL; PEARSE, 2015).

Ao que tudo indica, todavia, parece haver um esgotamento do modelo preconizado pela concepção da dominação masculina. Isso se verifica, sobretudo, quando registros estatísticos no Brasil apontam que os índices de violência contra as mulheres e a população LGBTIA+ são alarmantes, considerando que vivemos no século XXI (IPEA, 2020). Atualmente, cinco mulheres são mortas por dia, vítimas de feminicídio no país, problema social que aumentou em 22% durante o período da pandemia do Sars-Cov-2 (COVID 19), quando comparado ao período pré-pandemia, em 2019 (IPEA, 2020). Os dados revelam que discutir gênero é imperativo e o espaço-tempo para o estabelecimento deste debate se interpõe na Educação, notadamente, na formação superior, incluindo-se neste escopo a formação de professores/as de Educação Física (CORREIA et al., 2016; ARAÚJO; DEVIDE, 2019; 2020).

A Educação Física se constitui como um campo de conhecimento e de intervenção pedagógica no qual o corpo é o objeto de estudo constituído. Com isso, enfatizamos que os corpos que estão na escola, assim como os corpos que se relacionam socialmente, afetam e são afetados por determinantes sociais, são corpos generificados, no sentido conferido por Connell e Pearse (2015). Os corpos, com seus respectivos gêneros, apresentam-se e se representam nos cotidianos escolares, particularmente, nas aulas de Educação Física, espaços e tempos em que ganham evidência. Não obstante, a formação de professores/as para atuar na Educação Básica deve garantir um conjunto de conhecimentos relacionados ao contexto social, tal como o debate sobre o gênero.

Para fins deste estudo, o gênero compreende uma categoria mediada por relações e interações sociais, construídas no e pelos corpos de pessoas que se autodefinem como mulheres, homens, não binários, fluidos, intersexos e nulos, estes últimos entendidos como pessoas que se negam à submissão a qualquer categoria de gênero (LANZ, 2014). Assim, “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2015, p. 42). Ou seja, gênero é multidimensional (CONNELL; PEARSE, 2015).

Consoante ao exposto, o presente artigo tem por objetivo analisar as percepções/compreensões de estudantes acerca da temática de gênero no processo de formação no curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará (IFCE), Campus Limoeiro do Norte, da região Nordeste do Brasil. Criado em 2011, o curso possui duas matrizes curriculares em desenvolvimento. A Matriz Curricular de 2011, que oferta 44 disciplinas ao longo do seu ciclo formativo, totalizando uma carga horária de 2.880h; e a Matriz de 2018, que conta com 71 disciplinas, sendo 56 obrigatórias e 15 optativas, totalizando 3.560h. De acordo com o Projeto Pedagógico, o curso objetiva:

Orientar escolhas e decisões em valores e pressupostos metodológicos alinhados com a democracia, o respeito, a diversidade étnica e cultural e a cultura corporal; ser comprometido com a ética, com a ampliação das possibilidades de Educação e com a construção de uma Escola de qualidade, capaz de tornar menos distante o sonho de uma sociedade justa e igualitária (IFCE/Reitoria, 2011, p. 223).

Ao pensarmos na formação de professores/as numa acepção humanista, as temáticas da diversidade étnica, religiosa e de gênero se entremeiam, de forma interseccional. A formação em nível superior no Brasil deve contemplar, consoante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo terceiro, o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” (BRASIL, 1996). Ou seja, entende-se que no ensino superior, assim como no ensino básico, deve haver uma discussão ampliada sobre os diversos assuntos e conteúdos.

METODOLOGIA

A pesquisa, com abordagem qualitativa e de nível exploratório, teve como delineamento o levantamento. O Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE, Campus Limoeiro do Norte, na Região do Vale do Jaguaribe-CE, foi utilizado como *locus* da investigação. Justificam a escolha: (a) trata-se de um curso consolidado na sua Região, com uma década de existência; (b) possui resultados positivos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), sendo o primeiro colocado do Ceará, segundo melhor do Nordeste e oitavo melhor do Brasil; e, (c) um dos autores da pesquisa trabalha na instituição, o que permitiu a reflexão acerca da atuação do pesquisador, no sentido da reflexão-ação-reflexão.

Destacamos que a abordagem qualitativa favorece o processo reflexivo, à medida que busca a construção de uma perspectiva crítica. Nesse âmbito, concordamos com a afirmação de que a “abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma

compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47). Parafraseando Freire: “O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” (FREIRE, 2001, p. 43).

O universo pesquisado foi composto por 207 (duzentos e sete) estudantes. A definição da amostra foi não-probabilística, sendo definida por conveniência. O número de respondentes foi composto por 30 (trinta) estudantes, de todos os semestres letivos, sendo 18 (dezoito) mulheres, 11 (onze) homens e 1 (um) que se autoidentificou como “outro”. A média de idade dos participantes foi de 23,5 anos. Gerhardt e Silveira (2009) observam que, na pesquisa qualitativa, a representatividade numérica não ocupa um papel central, posto que o que se busca é o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou uma organização.

Para a obtenção das informações, foi utilizado um questionário semiestruturado composto por uma questão aberta, que buscou investigar o entendimento da categoria gênero por parte dos/as estudantes. Como ferramenta de pesquisa, o questionário:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

De modo complementar, foi analisada a organização das matrizes curriculares e as ementas das disciplinas apresentadas no Programa de Unidades Didática (PUD), do Curso em tela. Os documentos consultados foram o “Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física” e os “Programas de Unidades Didáticas das matrizes curriculares”. A análise das informações foi feita utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Optou-se por essa abordagem por avaliar a sua adequação à natureza dos dados qualitativos, representados pelo discurso dos/as informantes presente nas respostas dos questionários, no intuito de acessarmos os sentidos nele presentes, contribuindo para uma maior significação do trabalho.

PARA MIM, O GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA É...

Com base nesta questão – Para mim, o gênero na Educação Física é – interpelou-se os/as estudantes do curso de Educação Física do IFCE para que listassem, consoante uma ordem de prioridade, três palavras que pudessem completar e expressar suas percepções/compreensões acerca

do gênero na Educação Física. As respostas apontam para os resultados a seguir, expostos no Quadro:

Quadro 1 – “Para mim, o gênero na Educação Física é...”

Discente	Primeiro lugar	Segundo Lugar	Terceiro Lugar
1	Abordado	Amplamente	Biológico
2	Alvo	Aulas	Características
3	Cultura	Biológico	Complexidade
4	Debatido	Construção	Comportamento
5	Discutido	Corpo	Construção social
6	Distinção	Cultural	Corpo
7	Gênero	Curso superior	Divergência
8	Gênero	Delicado	Dividido
9	Identidade	Desvincular	Divisor
10	Importância	Discussão	Educação básica
11	Importante	Discutido	Escassez
12	Inclusão	Diversidade	Exclusões
13	Individual	Expressão	Força
14	Individualidade	Grupos	Gênero
15	Interação	Habilidade	Influenciar
16	Irrelevante	Indiferente	Objeto
17	Irrelevante	Individualidade	Paciente
18	Liberdade	Irrelevante	Personalidade
19	Natural	Marcador	Respeito
20	Normal	Particularidade	Seletivo
21	Respeito	Polêmico	Singular
22	Respeito	Preconceito	Tabu
23	Respeito	Problemática	-
24	Ser	Representação	-
25	Social	Respeito	-
26	Sociedade	Sexualidade	-
27	Tabu	Tolerância	-
28	Trabalhada	-	-

Discente	Primeiro lugar	Segundo Lugar	Terceiro Lugar
29	-	-	-
30	-	-	-

Fonte: Autores (2021).

Como se percebe no Quadro 1, o primeiro ordenamento das palavras se deu por colunas, de acordo com a importância atribuída a cada uma. A segunda coluna contém as palavras listadas como mais importantes, a terceira as que têm importância intermediária e a quarta com as palavras apontadas como menos importantes. Posteriormente, as palavras foram ordenadas alfabeticamente dentro de cada coluna, com o objetivo de identificar palavras idênticas, ou com proximidade semântica. Com o ordenamento das palavras em colunas, nos foi possível observar que nem todos/as discentes conseguiram listar as três palavras solicitadas: vinte e dois estudantes listaram as três palavras; cinco listaram apenas duas palavras; um listou apenas uma palavra; dois não listaram nenhuma palavra.

Após a ordenação das palavras em ordem alfabética, elas foram organizadas em unidades de significação, “criando categorias e introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna” (BARDIN, 2016, p. 61). As categorias empíricas foram criadas para poder abrigar as palavras que tinham aproximação de grafia ou semântica, sendo possível estabelecer relações entre elas e melhorar a compreensão sobre os resultados apresentados pelos/as participantes da pesquisa. Conforme o Quadro 1, observamos, nas palavras utilizadas pelos/as estudantes, as percepções acerca do gênero podem ser assim caracterizadas:

CULTURA (cultura, cultural, construção social, desvincular, normal, polêmico, preconceito, sexualidade, social, sociedade, tabu); BIOLÓGICO (biológico, características, corpo, distinção, força, habilidade, individualidade, natural, particularidade, seletivo); DIVERSIDADE (gênero, identidade, diversidade, expressão, grupos, representação, respeito); INDIVIDUALIDADE (comportamento, individual, individualidade, liberdade, marcador, personalidade, ser, singular); FORMAÇÃO (abordado, aulas, curso superior, debatido, discutido, discussão, educação básica, inclusão, interação, objeto, problemática, trabalhada); ADJETIVOS (delicado, importância, importante, indiferente, irrelevante, paciente); OUTROS (amplamente, alvo, complexidade, divergência, dividido, divisor, escassez, influenciar, tolerância).

Passamos a seguir para a análise construída com base nesse Quadro de termos, percebemos algumas dissociações, como é o caso de cultural e biológico e algumas associações, como se dá, por exemplo, com as expressões diversidade e individualidade, ou mesmo com as adjetivações, construídas pelos respondentes no último bloco, de gênero é formação. As respostas apresentadas

foram distribuídas nos seguintes blocos: (a) gênero é cultural ou biológico; (b) gênero é diversidade e individualidade; (c) gênero é formação, adjetivos e outros.

a) Gênero é cultural ou biológico

Com base nos resultados acima expostos, percebemos que 21 (vinte e um) discentes trazem suas compreensões acerca do gênero na Educação Física, associando-as a aspectos culturais e biológicos. Destacamos que os aspectos culturais e biológicos são considerados como dicotomias, já que em nossa compreensão, o corpo é uma construção social (BRETON, 2017) e os elementos biológicos que o constituem são apenas um dos fatores da expressão tripartite dos seres humanos, que além de ser social é também psicológico (MAUSS, 2003).

Distintas teorias se debruçam sobre pesquisas acerca de gênero, porém, apesar de serem diferentes e algumas vezes divergentes, a maioria aponta para um consenso sobre o gênero ser uma construção social. Para Butler (2015), o gênero é uma forma de questionar o determinismo biológico atribuído ao corpo. Para a autora a discussão acerca de gênero foi:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo (BUTLER, 2015, p. 26).

Essas duas categorias empíricas – cultural e biológico – são importantes de serem analisadas, posto que há entre elas um paradoxo estabelecido. Se sete estudantes associam o gênero com cultura e outros/as 11 (onze) o identificam com a biologia, percebe-se que há compreensões díspares acerca do significado de gênero. Essa ambigüidade se constitui como um claro abismo em termos de compreensão conceitual, isto porque compreendemos gênero como uma construção social, em que se sobressaem aspectos culturais, históricos (BUTLER, 2015).

Louro (2014), por sua vez, destaca que não se deve usar a característica social e relacional do conceito de gênero e pensá-lo como construção de papéis masculinos e femininos, pois, para a autora, papéis seriam:

[...] basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2014, p. 28).

A autora, portanto, constrói uma crítica à utilização do conceito de papéis de gênero, ao passo que considera que essa noção de papéis se configura como uma forma de controle social, sendo determinista de todos os aspectos da vida das pessoas. Com efeito, desde a infância há o processo de estabelecimento de papéis a serem seguidos, fazendo com que as pessoas sejam menos suscetíveis a aceitar as diferenças, ou que tenham receio de se expressar contrariamente ao que determina o papel previamente definido, por características sexuais, em que prevalecem aspectos biológicos.

Fica evidente pelos resultados apresentados que há, para os/as participantes da pesquisa, uma quase equivalência entre esses dois elementos dicotômicos acerca do gênero ser como um marcador biológico e ser uma construção social. Tal entendimento está muito próximo ao que pôde ser observado por Cruz e Palmeira (2009), no discurso de docentes que adotam práticas pedagógicas consubstanciadas na separação dos sexos. Na pesquisa, os/as professores/as observados/as justificaram a separação entre os sexos argumentando que existiam diferenças de habilidades e força entre meninos e meninas. Com base na formulação de uma crítica, Cruz e Palmeira (2009, p. 121) refletem que “estas justificativas só caberiam se o objetivo da Educação Física fosse a performance”. Interpretamos que esse trato metodológico do ensino da Educação Física escolar se relaciona ao viés biomédico e higienista, que afirmam que as práticas corporais devem atender às características biológicas, com base nas diferenças anatômicas.

Numa perspectiva distinta do pós-estruturalismo de Butler (2015), Connell e Pearse (2015) apontam que as questões de gênero possuem uma relação com os corpos, como esses se apresentam dentro da estrutura social e cultural que influi em como devem agir, pensar e sentir perante o meio. Conceituar gênero, a partir de uma cultura, é apresentar como os grupos percebem homens e mulheres, muitas vezes ligados ao corpo sexual e/ou às diferenças sexuais. Culturas distintas possuem formas particulares para tratar as questões de gênero, sobretudo quando são analisadas as relações sociais estabelecidas entre as pessoas e como esses corpos são inseridos nos processos sociais.

Cultura sintetiza as respostas de parte dos/as estudantes (sete) acerca da influência do meio cultural e social na construção dos aspectos de gênero dos indivíduos, bem como agrupam as palavras que representam a visão social sobre o tema. Essa relação cultural encontra ressonância nas construções sociais criadas e instituídas socialmente como o que se entende por normal. Ao nos aproximarmos de Geertz (2012), podemos compreender que a cultura e os comportamentos sociais estão relacionados às experiências de cada sujeito e ao processo histórico e cultural de cada comunidade, que terão significados distintos para cada situação e informação e darão formas às experiências.

Notadamente, quando os/as estudantes utilizam as palavras: “tabu”, “delicado” e “construção” para expressarem suas percepções acerca do gênero, fica perceptível que parte deles/as apresenta o entendimento da dimensão cultural atribuída ao termo gênero. Ao abordarem em suas respostas a dimensão cultural do gênero, os/as participantes da pesquisa se aproximam do significado do termo e do entendimento do gênero como uma construção social, influenciada por certas estruturas estruturantes. É clara a relação com a perspectiva cultural; porém, anterior a essa, há um pré-discurso sobre as questões terminológicas e conceituais sobre gênero (BUTLER, 2015).

De modo antinômico, os/as estudantes também apresentam como respostas a palavra “biológico”. Essa palavra se remete à discussão sobre os aspectos de gênero como atributo da condição biológica dos indivíduos, entendida, conforme a literatura sobre o assunto, como sexo. Conforme Silva et al. (2016, p. 4):

Sob o viés estruturalista, o corpo, no que tange às questões de sexualidade e de gênero, historicamente foi demarcado a partir do signo diferenciador – metonímico – da genitália. O fato de possuir tal ou qual genitália evidenciou o corpo enquanto um território de “demarcação” de gênero de duas formas: a descoberta da genitália e a inscrição de comportamentos estereotipados ou metaforizados, na atualidade; arquetípicos, pois remetiam a uma suposta origem ou tradição.

Ao mencionarem o aspecto biológico em suas percepções, os/as estudantes associam, equivocadamente, o gênero ao sexo determinado biologicamente. Nesta perspectiva, se faz relevante ressaltar que:

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 6).

Há, por assim dizer, uma diferença relevante entre o gênero e o sexo. Enquanto gênero é um constructo social e atende, a nosso ver, a uma multiplicidade de autoidentificações; o sexo é biologicamente determinado. Porém, corroboramos com Louro (2014, p. 25) que “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”. Esses aspectos fornecem informações para que seja possível compreender que o gênero está indissociado do corpo (CONNELL; PEARSE, 2015). Contudo, esta relação não se dá somente a partir da dimensão anatômico-fisiológica, ou seja, biológica, como já anteriormente mencionado, consoante Breton (2017) e Mauss (2003).

Se as respostas dos/as discentes refletem a ambiguidade supramencionada, de fato, parte do grupo de estudantes desconhece o significado ou a magnitude conceitual do gênero. Ainda há uma noção reducionista que confunde o termo gênero como sinônimo de sexo, desconsiderando fatores sociais, culturais, históricos, além da complexidade biológica ao buscar categorizar as pessoas de forma binária e rígida (CONNELL; PEARSE, 2015). As relações sociais estabelecidas no ciclo da formação inicial em instituições de nível superior são importantes para que os/as estudantes desenvolvam a sua imagem e percepção corporal e assimilem os conceitos oferecidos como corretos na formação inicial, ainda que não tenhamos elementos para analisar as potencialidades de suas respostas quanto às suas autoidentificações.

b) Gênero é diversidade e individualidade

Os termos identificados – individual, individualidade, identidade, inclusão, particularidade, liberdade, marcador, respeito, personalidade – são apresentados nas respostas de 10 (dez) estudantes, enquanto o termo diversidade está expresso em uma resposta. Ao agruparmos as categorias empíricas diversidade e/ou individualidade, temos a intenção de promover um debate sobre a relação entre aspectos gerais, associados à diversidade e aspectos individuais, associados à individualidade. Enquanto a categoria diversidade nos auxilia a compreender as diferentes formas de expressão do gênero, a categoria individualidade agrupa algumas palavras nas discussões de gênero, como identidade, individual, particularidade e personalidade, que associam as questões de gênero ao indivíduo, desconsiderando sua inserção social e, por consequência, a dimensão cultural do conceito, debatido anteriormente.

A mediação entre diversidade e individualidade, ao contrário do que se viu com a antinomia entre cultural e biológico, não se presta a uma oposição. São dois aspectos de um mesmo processo, no qual tanto perpassam elementos plurais em um contexto cultural e social determinado, quanto aspectos que remetem aos indivíduos e suas construções intersubjetivas, e suas autoidentificações.

Ao discorrer sobre a análise de gênero a partir do pensamento de Scott (1995), Prado (2014, p. 65) afirma que “o termo gênero, em uma análise mais literal, começou a ser utilizado pela segunda onda feminista para se referir à construção social das relações entre os sexos”. O autor também sublinha que naquele contexto histórico, o sexo já não era suficiente para explicar as diferenças e desigualdades sociais, sendo necessário discutir as formas de poder que perpassam as relações entre os sexos na sociedade.

O sexo biológico passou a ser questionado como quesito capaz de explicar as diferenças e desigualdades sociais atribuídas a mulheres e homens. A definição de gênero proposta por Scott nos chama a atenção para dois aspectos: 1°. O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; 2°. O gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder (PRADO, 2014, p. 65).

Louro (2014, p. 25) apresenta que os estudos de gênero surgem por pesquisadoras feministas que passam a usar o termo *gender* (gênero) como distinto de *sex* (sexo), desvinculando-se da ideia de o gênero estar determinado pelo corpo sexuado. Também se ancorando no pensamento de Scott (1995), Louro (2014, p. 25) registra que a mudança na forma de utilização dos termos visava “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo ou diferença sexual (...) o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política”.

Desse modo, corroboramos com Louro (2014) quanto à compreensão da necessidade de mediação entre diversidade e individualidade, na busca do reconhecimento das diferenças, para abordarmos a questão do gênero na Educação, especificamente na formação inicial em Educação Física. Neste sentido, o individual e o coletivo aparecem imbricados no debate sobre o gênero, o que reforça a noção de que a diversidade e a pluralidade são necessárias nesta discussão, assim como na sociedade.

c) Gênero é formação, adjetivos e outros

Para facilitar a análise, agrupamos as respostas dos/as estudantes em relação à FORMAÇÃO (abordado, aulas, curso superior, debatido, discutido, discussão, educação básica, inclusão, interação, objeto, problemática, trabalhada); ADJETIVOS (delicado, importância¹, importante, indiferente, irrelevante, paciente); e OUTROS (amplamente, alvo, complexidade, divergência, dividido, divisor, escassez, influenciar, tolerância). Estas respostas correspondem a um total de 27 compreensões dos/as estudantes. Interpretamos que se trata de expressões que não se remetem ao significado do termo gênero; aproximando-se mais da ideia de formação inicial, referindo-se ao curso de Licenciatura.

Aqui vale observar que as matrizes curriculares em andamento no curso não fazem referência à discussão sobre gênero, afastando-se das orientações das Diretrizes Curriculares

¹ Apesar de ser um substantivo, a palavra ‘importância’ foi colocada nessa categoria devido a sua aproximação semântica com o termo ‘importante’, adjetivo, trazendo as palavras para o mesmo agrupamento.

Nacional para a Formação de Professores da Educação Básica (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019), em nível superior. Na matriz curricular de 2011 há uma disciplina que aborda o tema de modo transversal; enquanto na matriz de 2018 há três disciplinas que trazem em seu conteúdo aspectos relacionados ao gênero, a saber: Práticas como Componente Curricular (PCC) I – Lazer, Jogos e Brincadeiras (obrigatória); Educação Física e Multiculturalidade (optativa); e Educação Física e os Temas Transversais (optativa), sendo que essa está “desatualizada” em virtude da implementação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC, que suprimiu as discussões acerca do gênero do currículo escolar (BRASIL, 2018). A análise de ambas as matrizes curriculares permite afirmar a inexistência de uma disciplina específica que aborde o gênero no meio social, educacional e/ou esportivo, indicando uma escassez deste debate na formação inicial em Educação Física, conforme estudos anteriores (CORREIA et al, 2016); (ARAÚJO; DEVIDE, 2019).

No tocante à dimensão da formação, as respostas apresentadas pelos/as participantes da pesquisa se reportam com maior recorrência à necessidade de “discussão” do tema gênero no ciclo formativo, enquanto um assunto “importante” na formação inicial. Isto preparará os futuros docentes para atuarem no cotidiano escolar, utilizando os conhecimentos sobre o gênero como uma ferramenta pedagógica, visando o respeito mútuo e o combate ao preconceito e discriminação. Vale ressaltar, nesse momento, que a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019), ainda que não faça menção direta às questões de gênero, aponta algumas das habilidades a serem construídas pelos/as egressos dos cursos superiores de Licenciatura e Pedagogia:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na **diversidade** humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas, desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado nos estudantes.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o **respeito** ao outro e aos **direitos humanos**, com acolhimento e valorização da **diversidade** de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, **identidades**, culturas e potencialidades, **sem preconceitos** de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019, p. 13, grifos nossos).

A partir dos dados coletados foi possível identificar que os/as participantes fizeram sete menções a palavras presentes no excerto da Resolução do CNE, acima mencionada, justificando a associação das palavras com termos como: “abordado” e “trabalhada” para reforçar a importância

desses temas na formação inicial, por serem questões que fazem parte do cotidiano escolar, uma realidade que precisarão se deparar após a conclusão de seus cursos.

Por fim, identificamos a dimensão das adjetivações associadas ao termo gênero, como: alvo, divisor e indiferente, e expressões que não apresentam um sentido claro para a pergunta apresentada. A nosso ver, as adjetivações que os/as participantes associaram à palavra gênero trazem muitos significados relevantes para a formação inicial, a serem considerados como, talvez, uma terceira categoria, com o devido encaminhamento e ênfase à noção de “Gênero e formação inicial”, incluindo palavras como: “alvo, irrelevante, importante, importância, discutido, discussão, delicado, dividido” – adjetivos associados ao gênero indiretamente, a partir da formação inicial. Desta forma, a última categoria poderia seguir o caminho da primeira, fazendo um contraponto entre o gênero como algo importante/relevante ou não para a formação inicial. Pelos adjetivos, nos parece, a maioria indica uma relevância, mesmo que se identifique uma falta de conhecimento sobre o assunto, ainda associada à dimensão biológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa evidenciam que a organização das matrizes curriculares e as ementas das disciplinas apresentadas no Programa de Unidades Didática do curso de Licenciatura do IFCE, Campus Limoeiro do Norte, não favorecem o desenvolvimento dos conhecimentos acerca do tema “gênero”. As discussões acerca de gênero não estão presentes de forma sistematizada e articulada nas disciplinas, emergindo apenas de forma transversalizada na abordagem de alguns conteúdos disciplinares.

A formação inicial deve se constituir num espaço-tempo de preparação para que os/as egressos/as possam adquirir ferramentas para lidar com questões relativas à diversidade, especialmente de gênero, foco desta pesquisa. A maioria dos/as futuros/as docentes ainda demonstram desconhecimento sobre o conceito de gênero, associando-o aos parâmetros biológicos, o que lhes dificultará uma atuação que combata os estereótipos, preconceitos e estigmas, que historicamente restringiram algumas práticas corporais a um ou outro gênero (CORSINO; AUAD, 2012); (AUAD, 2018).

Identificamos a dificuldade em conceituar o que é gênero, relacionar o termo com a Educação Física e compreender o gênero como uma construção social, visto que a maioria dos/as pesquisados/as ainda associam o gênero com base em determinantes biológicos, confundindo-o com o sexo.

Por outro lado, a associação do termo gênero com as noções de diversidade e/ou identidade, indica que os/as discentes identificam relações pertinentes entre as questões de gênero e dimensões associadas à pluralidade de possibilidades de expressões das identidades; aspecto que ocorre mais por suas vivências fora do ambiente acadêmico, do que propriamente, pela abordagem destes conteúdos nas matrizes curriculares e ementas analisadas.

Ao abordar a última categoria e sua relação com a formação inicial, identificamos que parte dos/as discentes entende que a temática do gênero é importante para a discussão na formação inicial em licenciatura, ainda que haja dificuldades em compreender o significado do termo e sua dimensão cultural, em função, sobretudo, da escassez de sua abordagem durante o curso

Por fim, se faz necessário que o referido Curso de Licenciatura em Educação Física construa uma matriz curricular que favoreça as discussões sobre gênero, para além de um tema transversalizado em algumas disciplinas. A inserção da temática “gênero” nas disciplinas, ou a construção de uma disciplina específica, conforme alguns cursos já o fizeram (ARAÚJO; DEVIDE, 2019), possibilitará aos/às discentes o acesso às ferramentas necessárias à intervenção pedagógica que relacione os conteúdos de ensino às questões de gênero, contribuindo para a superação de práticas sociais que se pautam em estereótipos e preconceitos, ainda presentes na sociedade e na escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. Gênero e sexualidade na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior do rio de janeiro. **Revista Arquivos em Movimento**, [s. l.], v. 1, n. 15, p. 25-41, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/issue/view/1197>. Acesso em: 01 jul. 2021.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos: relações de gênero na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Tradução de: Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (1996). Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília-DF

BRASIL Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018.

BRETON, David Le. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Tradução de: Renato Aguiar.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Nversos, 2015.

CONNELL, Robert W.. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, [s. l], v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 30 jun. 2021.

CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pries; TELLES, Silvio de Cássio Costa; LUTZ, Thulyo; MURAD, Maurício; OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza. O discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **Salusvita**, Bauru, v. 1, n. 35, p. 67-83, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303482912_O_DISCURSO_DA_LICENCIATURA_EM_EDUCACAO_FISICA SOBRE AS QUESTOES DE GENERO NA FORMACAO PROFISSIONAL EM EDUCACAO FISICA. Acesso em 01 jun. 2021.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física escolar. **Motriz**: revista de Educação Física, [s. l], v. 1, n. 15, p. 116-131, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-516332>. Acesso em: 25 jun. 2021.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal: Edufrn, 2020. p. 91.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/Conselho Superior (IFCE). (2011). Resolução Nº 014, de 12 de Abril de 2011. Aprova ad referendum do Conselho Superior o Projeto do Curso de Licenciatura em Educação Física - Campus de Limoeiro do Norte-CE, abr. 2011, p. 215 a 295. (Boletim de Serviço nº 271).

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Brasília: Ipea, 2020. 96 p.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia,

Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Formação Inicial de Professores Para A Educação Básica**. Brasília, DF

PRADO, Vagner Matias do. **Entre ditos e não ditos**: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da educação física. 2014. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 02, n. 20, p. 71-99, 1995. Semestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SILVA, Renato Izidoro da; ZOBOLI, Fabio; CORREIA, Elder Silva. O CORPO NO ESTRUTURALISMO E NO PÓS-ESTRUTURALISMO: sobre o nascer de novos corpos. **Artefactum**: Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, {S.L.}, v. 12, n. 1, p. 1-12, jan. 2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/884>. Acesso em: 21 jun. 2021.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradecer ao Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE, Campus Limoeiro do Norte, nas figuras da Coordenação do Curso, por ter dado o suporte necessário, e discentes, que se dispuseram a participar da pesquisa respondendo ao questionário proposto.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES - Não se aplica



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Recebido em: 07 de outubro de 2021

Aprovado em: 05 de abril de 2022